



**COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO
E CULTURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE ARTES
VISUAIS**

Tiago de Brito Cruvinel

**AS ARTES VISUAIS COMO POSSIBILIDADES DE
REVISÃO DOS ESTEREÓTIPOS DE MASCULINIDADE: Um**
projeto fotográfico no Ensino Médio Integrado

Rio de Janeiro
2025

Tiago de Brito Cruvinel

**AS ARTES VISUAIS COMO POSSIBILIDADES DE REVISÃO DOS ESTEREÓTIPOS
DE MASCULINIDADE:**

Um projeto fotográfico no Ensino Médio Integrado

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado a Especialização em Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais

Orientadora Professora M.e Vivian Greco Cavalcanti de Araujo.

Rio de Janeiro
2025

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

C957 Cruvinel, Tiago de Brito

As artes visuais como possibilidades de revisão dos estereótipos de masculinidade : um projeto fotográfico no ensino médio integrado / Tiago de Brito Cruvinel. – Rio de Janeiro, 2025.

18 f.

Artigo Científico apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Artes Visuais – EAD) – Colégio Pedro II. Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Vivian Greco Cavalcanti de Araujo.

1. Artes visuais (Ensino médio) - Estudo e ensino. 2. Masculinidade. 3. Identidade de gênero. 4. Fotografia. 5. Ensino médio integrado. I. Araujo, Vivian Greco Cavalcanti de. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 707

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 – 5692.

Tiago de Brito Cruvinel

**AS ARTES VISUAIS COMO POSSIBILIDADES DE REVISÃO DOS
ESTEREÓTIPOS DE MASCULINIDADE:**

Um projeto fotográfico no Ensino Médio Integrado

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado a Especialização em Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais

Aprovado em: 18/06/2025.

Banca Examinadora:

Prof. M.a. Vivian Greco Cavalcanti de Araujo (Orientadora)
EEAV/Colégio Pedro II

Prof. M.a. Fabiana Ferreira de Alcântara
EEAV/Colégio Pedro II

Prof. Dr. Edvandro Luise Sombrio de Souza
Colégio Pedro II

Rio de Janeiro
2025

**AS ARTES VISUAIS COMO POSSIBILIDADES DE REVISÃO DOS
ESTEREÓTIPOS DE MASCULINIDADE:
Um projeto fotográfico no Ensino Médio Integrado**

Tiago de Brito Cruvinel

Resumo: Neste artigo, discute-se as noções de masculinidades na disciplina de Arte no Ensino Médio, integrado aos cursos técnicos de Automação, Mecânica e Química do Instituto Federal de Minas Gerais – Campus Betim. A partir de dinâmicas aplicadas durante as aulas, em um contexto majoritariamente composto por meninos cisgêneros de 14 a 16 anos, foi identificada a necessidade de explorar questões relacionadas as consequências da construção de estereótipos do que é ser homem e mulher na sociedade brasileira. Como metodologia as e os estudantes foram divididos em grupos por gêneros, masculino e feminino cisgêneros, visando criar um espaço de debate onde os meninos cisgêneros pudessem discutir suas ideias do que é masculinidade. Após os debates foi proposto um projeto artístico com fotografia, visando possibilitar que os meninos cisgêneros confrontassem suas noções de identidades e questionassem estereótipos sociais de gêneros que podem produzir consequências nocivas.

Palavras-chave: ensino de arte; masculinidade; fotografia.

LAS ARTES VISUALES COMO POSIBILIDADES DE REVISIÓN DE LOS ESTEREOTIPOS DE MASCULINIDAD:

Un proyecto fotográfico en la Educación Secundaria

Tiago de Brito Cruvinel

Resumen: En este artículo, se discuten las nociones de masculinidades en la asignatura de Arte en la Educación Secundaria, integrada a los cursos técnicos de Automatización, Mecánica y Química del Instituto Federal de Minas Gerais – Campus Betim. A partir de dinámicas aplicadas durante las clases, en un contexto mayoritariamente compuesto por chicos cisgénero de 14 a 16 años, se identificó la necesidad de explorar cuestiones relacionadas con las consecuencias de la construcción de estereotipos sobre lo que significa ser hombre y mujer en la sociedad brasileña. Como metodología, los y las estudiantes fueron divididos en grupos según su género, masculino y femenino cisgénero, con el objetivo de crear un espacio de debate donde los chicos cisgénero pudieran discutir sus ideas sobre lo que es la masculinidad. Tras los debates, se propuso un proyecto artístico con fotografía, con el propósito de posibilitar que los chicos cisgénero confrontaran sus nociones de identidad y cuestionaran los estereotipos sociales de género que pueden generar consecuencias perjudiciales.

Palabras clave: enseñanza del arte; masculinidad; fotografía.

1 INTRODUÇÃO

Durante o Seminário "Em Defesa da Escola: Desafios das Artes Cênicas na Educação", realizado em outubro de 2023 pelo Grupo de Pesquisa em Pedagogia das Artes Cênicas (GPPAC), vinculado ao Departamento de Artes Cênicas (CAC) e ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da USP, do qual faço parte, foi discutido um tema de grande relevância nos tempos atuais: "Violência contra as Escolas". Nessa mesa, conduzida pela pesquisadora Danila Di Pietro Zambianco (Unicamp) e pelo pesquisador Daniel Cara (USP), chamou-me a atenção o perfil dos agressores contra as instituições de ensino, predominantemente compostos por meninos cisgêneros, com uma média de 16 anos de idade.

Segundo o relatório de 2023 do Instituto Sou da Paz (Langeani, 2023), que realizou uma análise detalhada dos ataques às escolas no Brasil entre os anos de 2002 à 2023, ao final da pesquisa concluiu-se que: "Em relação ao perfil dos agressores, o primeiro dado em destaque é que o grupo é composto exclusivamente por meninos e homens, reforçando um fenômeno ligado ao universo masculino, não só no Brasil como ao redor do mundo" (Langeani, 2023, p. 10).

O relatório mencionado acima também faz referência a uma pesquisa conduzida pelo pesquisador Daniel Cara (2022), que analisou o extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil, buscando alternativas governamentais para lidar com os ataques às escolas. Nessa pesquisa, foi observado que

Os alvos de cooptação pelo discurso de extrema-direita são majoritariamente adolescentes brancos e heterossexuais, e a misoginia desempenha um papel crucial nesse processo. Sentimentos de frustração sexual e raiva em relação ao mundo, entre outros processos típicos da adolescência, são mobilizados em espaços de discussão online, onde muitos desses jovens se reúnem para expressar suas frustrações e solidarizar-se (Cara *et al.*, 2022, p. 17).

Diante desses dados, identifiquei a existência de uma lacuna teórica em minha formação. Não tive discussões, nas disciplinas da licenciatura em Artes Cênicas, que abordassem as dinâmicas de construção dos papéis de gênero e suas consequências sociais. Assim, surge a seguinte questão: quais os motivos da ausência de discussão sobre o patriarcado e as masculinidades nos cursos de Arte (Artes Cênicas, Artes Visuais, Dança e Música), tanto em nível superior quanto nos livros didáticos do Ensino Médio?

Em uma pesquisa realizada, em colaboração com o pesquisador Túlio Fernandes Silveira, examinamos os livros didáticos do PNLD 2021 para o Novo Ensino Médio - NEM, na

área de Linguagens e suas Tecnologias, com o objetivo de identificar se eles apresentam perspectivas críticas, especialmente nos conteúdos e atividades de teatro, abordando questões de raça, gênero, sexualidade e classe social.

Nossa análise revelou que o ensino de teatro nos livros didáticos é predominantemente ilustrativo e que a categoria mais abordada é a raça, em grande parte devido à Lei nº 11.645/2008, que tornou obrigatório o ensino da história afro-brasileira e indígena nas escolas do país. No entanto, mesmo com essa legislação, observamos que os conteúdos de teatro nos livros do PNLD abordam de forma insuficiente as relações de poder dominantes e seus regimes regulatórios. Pouca ênfase é dada, por exemplo, ao privilégio branco como um sistema de poder, e há uma falta de discussão sobre como podemos implementar ações antirracistas no ensino de Arte.

Durante essa pesquisa citada, olhamos para a categoria gênero, buscando "examinar se e como os conteúdos de teatro presentes nos livros didáticos propõem uma reflexão sobre a dualidade de gênero e sexualidade". (Cruvinel e Silveira, 2023, p.9). Constatamos que "na categoria gênero, os livros se concentram em uma perspectiva cisgênero, não se problematizando em nenhum momento o binarismo de gênero. As discussões presentes nas obras didáticas focam principalmente nas minorias sociais, em especial nas mulheres negras". (Cruvinel e Silveira, 2023, p.18).

Embora os estudos queer e suas diversas vertentes tenham buscado desconstruir o gênero no sentido proposto por Butler (2018) - como uma construção social performativa do que fazemos – ou seja, para ela, “como performance performativa, o gênero é um “ato” em sentido amplo, que constrói a ficção social da sua própria interioridade psicológica” (Butler, 2018, p.13), observo que, ao analisar os dados de violência contra as escolas e os alvos de cooptação da extrema-direita, que geralmente são adolescentes brancos, cisgêneros e heterossexuais - com a misoginia desempenhando um papel crucial na aliança entre esses indivíduos - surge a necessidade de considerarmos o gênero de forma binária e dualista ainda.

Nos estudos de gênero e sexualidade, temos nos concentrados na análise da cisheteronormatividade como um sistema compulsório, buscando identificar as categorias que definem e excluem determinados corpos. Ainda que seja muito importante e válido priorizar as discussões em torno da exclusão de determinados corpos não normativos, percebo uma lacuna significativa na abordagem voltada para a educação consciente com os meninos cis sobre o significado de ser homem e o quanto os estereótipos do que é ser do gênero masculino os levam a recorrer à violência em seu dia a dia.

Não se trata de considerar o homem cis branco como uma vítima do sistema, merecedor de indulgência por seus atos de violência, mas sim de compreender as razões pelas quais meninos cisgêneros desenvolvem tanto ódio em relação a mulheres cis, trans e travestis e também a outros homens que não se enquadram nos padrões normativos do machismo.

Isso também não implica retomar a discussão biológica do gênero, mas sim reconhecer que essa violência, seja contra as escolas ou em outros contextos sociais, está diretamente ligada à misoginia, predominantemente perpetrada por homens cis, embora não exclua os homens trans. Isso porque as principais vítimas desses ataques são predominantemente meninas e mulheres. "Não é à toa que mulheres são alvos frequentes de atiradores em massa." (Cara *et al.*, 2022, p. 4).

Para evitar uma abordagem biologicista, é importante reconhecer que as vítimas podem englobar todas aquelas que performam características associadas ao feminino, o que inclui não apenas meninas e mulheres cis, mas também gays afeminados, pessoas trans e travestis. No entanto, é crucial destacar que nem toda travesti, por exemplo, performa o feminino, assim como nem toda mulher cis o faz.

Além disso, reconhecer que as estruturas de poder dominantes colocaram os homens cis brancos no centro do poder é uma questão frequentemente negligenciada na formação dos estudantes do Ensino Médio na disciplina de Arte. Portanto, esta pesquisa propõe uma discussão sobre as masculinidades na disciplina de Arte no Ensino Médio integrado aos cursos técnicos de Automação, Mecânica e Química, no Instituto Federal de Minas Gerais – Campus Betim.

A escolha desse tema, além do já colocado nesta introdução, surgiu também a partir da observação das dinâmicas em sala de aula, onde percebi a necessidade de abordar questões de gênero, especialmente as masculinidades, em um contexto educacional majoritariamente composto por meninos cisgêneros, com idades entre 14 e 16 anos. Esses estudantes, além de estarem no início de sua formação técnica/acadêmica/humana, encontram-se em uma fase de intensas transformações pessoais, onde a construção da identidade de gênero desempenha um papel central. Para Colette Chiland (2014, p.175), “a identidade [de gênero] começa a se construir concomitantemente ao sentimento da continuidade de existir, o *self*; na adolescência, ela se confirma”, e complementa, “as mudanças do corpo na puberdade vão completar a identidade que a criança já reconhece como sua” (Chiland, 2014, p.175). Diante desse cenário, percebi a importância de promover um espaço para que pudessem refletir e expressar suas percepções sobre o que significa "ser homem" dentro de uma sociedade que impõe rígidos estereótipos e expectativas.

Para iniciar o trabalho de conscientização sobre os papéis de gênero, optei por aplicar uma metodologia que, inicialmente, dividiu os grupos por gênero. Essa divisão permitiu criar um espaço exclusivo para os meninos cisgêneros discutirem questões relacionadas às masculinidades. A separação dos grupos por gênero proporcionou um ambiente seguro para debates honestos e autênticos, que resultaram em importantes reflexões. Atualmente, não há estudantes transgêneros ou travestis na escola, apenas uma estudante não-binária, que utiliza os pronomes ela/dela.

Ao final do debate — que será detalhado no item 3 deste artigo — foi proposto um projeto artístico no qual a fotografia foi utilizada como meio de expressão para responder visualmente a seguinte pergunta: "O que significa ser homem para você?". Essa abordagem incentivou os alunos e as alunas a confrontarem suas identidades e experiências pessoais, ao mesmo tempo em que questionavam as normas sociais associadas à masculinidade. A escolha da fotografia como linguagem artística permitiu que os estudantes traduzissem suas reflexões em imagens carregadas de significados e emoções, ampliando a capacidade de expressão para além das palavras¹.

Nesta pesquisa, apresentarei exclusivamente os resultados dos trabalhos produzidos pelos meninos, sem realizar um estudo comparativo com as produções das meninas. Um comparativo entre as abordagens dos dois grupos poderia desviar o foco do presente estudo e demandaria uma pesquisa de natureza distinta. No entanto, antes de apresentar os resultados do projeto, é fundamental refletir sobre o questionamento que norteou o trabalho: 'O que significa ser homem para você?'. Essa questão, inserida nas complexidades da sociedade contemporânea, convida a uma análise das construções sociais de masculinidade e suas implicações no contexto escolar.

2 O PATRIARCADO E SUA CONSTRUÇÃO DO QUE É SER HOMEM

Em uma rede social, uma modelo e personal trainer publica um vídeo com o título: "Uma das coisas mais difíceis de ser mãe de menino é dar um passo para trás enquanto seu marido o transforma em um homem" (Vasconcelos, 2024). No vídeo², que dura apenas alguns segundos, vemos a mãe aparentemente acariciando seu filho. Em seguida, o pai chega, retira o menino de

¹ Uma pesquisa de 2022 (Lizardo; Henklein; Girata), baseada em revisão de literatura, revelou que a utilização da fotografia como ferramenta pedagógica desempenha um papel importante no ensino de artes visuais no ensino médio. Os achados sugerem que essa prática torna as aulas mais envolventes e colabora para o aprimoramento do senso crítico e estético dos alunos.

² Disponível em: https://www.instagram.com/reel/C_mHdNXxczl/?igsh=dG1mc3AycHVlYXpr. Acesso em 28 set. 2024.

seus braços e lhe dá um chacoalhão. O garoto, que inicialmente estava calmo, muda sua expressão para dentes cerrados, como se estivesse com medo ou raiva do que está por vir. A mãe, então, se vira para a câmera e recolhe os braços, dando as costas à situação, embora demonstre um certo desconforto com o ocorrido.

No vídeo em questão (Vasconcelos, 2024), o pesquisador Andrio Robert, autor da tese *"Teatro é coisa de viado!": pedagogias da masculinidade no teatro amador em perspectiva dialógica*, defendida em 2023, comenta: "O que é transformar ele em um homem?". Seu comentário gerou mais de 1.304 respostas, entre as quais destaco: "Ensinar princípios, liderar uma família e, o mais importante, ter caráter." Andrio responde: "Mas a liderança da família não pode ser compartilhada entre os adultos?" Outro comentário afirma: "Cara, tua pergunta é lamentável. Não dá para responder nessas linhas, mas, em resumo: desenvolvimento da confiança, estratégia social, fisicalidade, honra, dar o exemplo como homem formado, e desenvolver a capacidade para a violência (violência é errada quando iniciada, mas estar despreparado é negligência do pai)." Outro ainda diz: "Se você não sabe, alguém falhou na sua formação" (Vasconcelos, 2024). A maior parte dos comentários é marcada por ataques diretos ao pesquisador, muitos de viés homofóbico, devido ao fato de Andrio ser gay, ou por acusações de falta de fé, embora ele se identifique como cristão.

O que mais chama atenção nesse caso é que, por trás de uma pergunta simples como "O que é transformar ele em um homem?", surgem dezenas de ataques e ofensas, revelando a dificuldade em debater questões de masculinidade de forma saudável e construtiva. Esse episódio reforça a urgência de desenvolvermos projetos artísticos que discutam masculinidade nas aulas de Arte no ensino médio, promovendo um espaço crítico e reflexivo para questionar estereótipos e desconstruir preconceitos.

No livro *Seja Homem: a masculinidade desmascarada* (2020), o autor JJ Bola, homem negro, cisgênero, congolense, reflete sobre o que significa ser homem, narrando uma experiência pessoal que ilustra as pressões sociais sobre a masculinidade. Em uma cena da sua adolescência, ele descreve um momento em que, enquanto andava de mãos dadas com seu tio — uma prática comum em seu país — foi observado por um grupo de adolescentes que exibiram expressões de confusão e nojo. Bola relembra: "Eles nos olharam, os olhos grudados em mim e no tio com quem eu estava andando de mãos dadas. Todos aqueles rostos exibindo uma variedade de expressões negativas, uma miscelânea que ia da confusão ao nojo" (Bola, 2020, p.13).

Essa breve interação trouxe à tona as expectativas de comportamento masculino, especialmente em contextos em que a masculinidade é associada à força e à invulnerabilidade.

JJ Bola (2020) menciona que, apesar de já ter conquistado respeito em seu ambiente por sua estatura e porte atlético, todo esse status se dissipou no instante em que foi visto em um gesto de afeto com seu tio: “Mas todo esse respeito que conquistei se dissipou em uma velocidade absurda no exato momento em que fui visto andando de mãos dadas com outro homem” (Bola, 2020, p. 13-14). A reação dos outros adolescentes veio em forma de escárnio e zombaria, e Bola descreve a dor emocional que sentiu, comparando-a à sensação de quando uma comida apimentada se torna insuportável.

A partir dessa experiência, JJ Bola (2020) começou a questionar sua própria noção de masculinidade, refletindo sobre uma questão que, segundo ele, poucos homens [cisgêneros] são autorizados a expressar:

O que de fato significa ser um homem? Por que dois homens de mãos dadas é algo que não chama a atenção de ninguém em uma parte do mundo, enquanto, em outra parte, as pessoas param e olham assustadas? (Bola, 2020, p. 14-15).

Essa pergunta se relaciona com a maneira como os homens são socializados para suprimir emoções e adotar posturas rígidas. Bola (2020) compartilha que, à medida que envelheceu, tornou-se cada vez mais estoico e reservado, reprimindo suas emoções e camuflando seus sentimentos de raiva e frustração sob a máscara da força masculina.

Ele também faz uma provocação importante ao questionar porquê homens estão desproporcionalmente representados nas estatísticas de crimes violentos e suicídios, e porquê a expectativa de que eles sejam duros e invulneráveis contribui para esse cenário. JJ Bola (2020) aponta para a necessidade urgente de repensar a masculinidade e seus impactos destrutivos, tanto para os homens quanto para a sociedade em geral.

Para JJ Bola (2020), não é possível entender o que significa ser homem sem compreender o patriarcado. Ele define o patriarcado como uma rede que permeia a família, o sistema educacional e a mídia, influenciando os comportamentos e atitudes dos homens em relação às mulheres e a outros homens. A sociedade patriarcal coloca os homens em posições de poder e molda sua visão de si mesmos e dos outros. Bola (2020) reflete que, apesar de não ter ouvido falar explicitamente sobre patriarcado durante sua infância e adolescência, ele percebe hoje que essa estrutura afetou profundamente a forma como ele se via como garoto e, posteriormente, como homem.

Essa reflexão traz à tona a importância de educar jovens sobre o patriarcado e seus efeitos, algo que, segundo Bola (2020), é muitas vezes negligenciado tanto no sistema educacional quanto no cotidiano. Essa lacuna é visível também em minhas próprias experiências como homem cisgênero e educador. Durante minha infância e adolescência, assim

como a maioria dos meus estudantes hoje, pouco se falava sobre patriarcado, e muitos alunos, embora já tenham ouvido o termo, não conseguem compreendê-lo plenamente ou reconhecer como ele nos afeta.

Concordo com JJ Bola (2020) quando ele afirma que, mesmo após décadas de debate, ainda navegamos as mesmas complexidades em torno da masculinidade, com o agravante de novos desafios trazidos pela modernidade. Ele observa que muitos homens, tanto jovens quanto adultos, sofrem em silêncio com problemas como ansiedade, depressão e traumas emocionais, frequentemente respondendo a essas questões com agressão — tanto para com os outros quanto para consigo mesmos. Isso acontece, em grande parte, porque foram socializados para acreditar que demonstrar vulnerabilidade é incompatível com o que significa ser homem.

Essa reflexão nos leva a pensar sobre a urgência de repensarmos a educação e as abordagens que adotamos em sala de aula no ensino de Arte. Projetos que abordem a masculinidade de maneira crítica são essenciais para desconstruir estereótipos e permitir que jovens reflitam sobre seus papéis sociais e identidades, como proposto por JJ Bola (2020). A pergunta “O que significa ser homem?” continua a ser tão relevante quanto desafiadora, e enfrentá-la é fundamental para uma sociedade mais justa e equilibrada.

3 O PROJETO MASCULINIDADES E EXPRESSÃO ARTÍSTICA

O projeto de fotografia analisado neste artigo foi precedido por debates organizados por gênero, conforme mencionado anteriormente. Esses debates incluíram a exibição de documentários, com o objetivo de fomentar reflexões e discussões sobre questões de gênero e masculinidades.

Neste contexto, os meninos cisgêneros assistiram ao documentário "O Silêncio dos Homens"³ (2019), produzido pela Monstro Filmes em parceria com a plataforma Papo de Homem e o Instituto PdH, enquanto as meninas cisgêneros assistiram a outro, "The Mask you live in"⁴ (2015). Embora não houvesse estudantes transgêneros ou travestis na escola, havia uma estudante não-binária, que preferiu participar da atividade de forma separada.

A escolha de separar os grupos entre meninos e meninas para essa atividade específica baseou-se na metodologia proposta pelo documentário. A separação visa abordar de maneira mais aprofundada questões específicas relacionadas às masculinidades. No filme, essa divisão

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NRom49UVXCE&t=2407s>. Acesso em 28 set. 2024.

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d2B0ikOh7I4>. Acesso em 28 set. 2024.

é justificada por diversos aspectos: (1) os meninos cis, por estarem presos a um ideal de masculinidade, muitas vezes têm dificuldade de expressar suas vulnerabilidades emocionais diante de outras meninas/mulheres, inclusive entre seus pares; (2) o compartilhamento dessas vivências pode ajudar a desassociar o afeto entre homens cis e trans da orientação sexual de cada um; (3) meninos gays afeminados, devido ao bullying, frequentemente têm receio de se aproximar dos meninos cisgêneros héteros, resultando em maior troca de experiências apenas com as meninas. Além disso, o documentário também aproxima as experiências de meninos cis e trans, propondo um espaço de abertura para essas questões.

O documentário se inicia com uma reflexão do livro "Um coração sem medo" de Thupten Jinpa (2016), que destaca a coragem necessária para expor vulnerabilidades e deixar-se ver pelos outros. A frase introdutória levanta a pergunta: por que os homens têm tanta dificuldade em se abrir emocionalmente? O título "O Silêncio dos Homens" refere-se àqueles que, historicamente, tiveram o privilégio de voz e poder na sociedade, mas que permanecem em silêncio quando se trata de seus sentimentos. O filme apresenta depoimentos de diversos perfis masculinos, desde adolescentes a homens cisgêneros brancos e negros, gays, trans e pastores evangélicos, todos refletindo sobre o impacto da masculinidade tóxica.

Durante as aulas, os primeiros minutos de exibição do documentário já foram suficientes para desencadear discussões intensas sobre temas abordados, como a necessidade de competir, a busca incessante por validação masculina e o uso da violência como forma de expressão emocional. Ao pausar o filme, percebi que os meninos se sentiam à vontade para compartilhar suas experiências em um ambiente livre de julgamentos, algo que não seria possível se as meninas estivessem presentes.

Essa observação levanta a questão do porquê os meninos se sentem inibidos ao falar diante das meninas, talvez devido ao crescente empoderamento feminino e à percepção de que as meninas já possuem uma compreensão mais desenvolvida dos seus direitos e emoções. Ainda assim, é fundamental considerar essas dinâmicas para criar um espaço onde os meninos possam, de fato, expressar suas vulnerabilidades e ansiedades, sem medo de serem julgados.

A partir das reflexões trazidas pelo documentário, torna-se evidente que é necessário desenvolver metodologias pedagógicas que abordem as masculinidades de maneira crítica e sensível, mas que também acolham as inseguranças e fragilidades dos alunos, proporcionando um espaço seguro para que esses sentimentos possam ser nomeados e discutidos. No entanto, o que me parece é que, enquanto docentes de Arte, muitas vezes acabamos por delegar essa função a outros setores da escola, como os docentes de Sociologia e Filosofia ou à equipe

pedagógica, como se o tema das masculinidades e das questões de gênero estivesse desvinculado do fazer artístico e da nossa prática educativa.

Esse distanciamento revela uma percepção limitada do papel da Arte/Artes Visuais na formação crítica dos sujeitos. A arte, além de ser um campo de expressão estética, é um espaço potente para o questionamento de normas, estruturas de poder e desigualdades sociais.

Quando abordamos a necessidade de questionar essas normas e as estruturas de poder, é fundamental evitar as armadilhas apontadas pelas pesquisadoras Taís Dias e Luciana Loponte (2019). Elas destacam que a simples inclusão de artistas mulheres nas aulas de Artes Visuais não garante, por si só, uma abordagem política da arte ou uma leitura orientada pelas discussões de gênero.

Além disso, tal inserção pode se tornar uma estratégia puramente reformatória, um conteúdo programático a mais que os/as professores/as sentem-se obrigados/as a cumprir: “se nunca falamos de mulheres artistas, basta que destinemos um dia do ano para homenageá-las (o Dia da Mulher, por exemplo)”. Enfim, um acréscimo que pode se encaixar de muitos modos com o que já está consagrado no ensino de Artes Visuais, sem alterar concepções de gênero hegemônicas, discriminações correntes e efeitos de poder que aí circulam. (Dias; Loponte, 2019, p.3).

Diante disso, a discussão sobre gênero e masculinidades não é apenas pertinente, mas essencial nas práticas pedagógicas. Como podemos promover uma formação cidadã verdadeiramente crítica e emancipatória sem questionar as bases de opressão que sustentam a invisibilização de mulheres, pessoas trans e travestis no Brasil? A Arte, ao longo da História, tem sido um campo de resistência, contestação e transformação social. Ignorar essas dimensões no ensino artístico é negligenciar o potencial da Arte como veículo de reflexão e mudança.

Além disso, a ausência dessas discussões no ensino de Arte/Artes Visuais reforça a falsa dicotomia entre o fazer artístico e o debate social. Não podemos formar cidadãos críticos sem questionar as estruturas de poder que moldam e perpetuam as desigualdades. O ensino de Arte/Artes Visuais precisa incorporar essas questões como parte fundamental de suas práticas, reconhecendo que o fazer artístico é, por si só, uma forma de diálogo com o mundo, com as diferentes identidades e com os múltiplos contextos sociais. Assim, ao integrar reflexões sobre gênero, masculinidade e vulnerabilidade, não apenas ampliamos o campo de discussão dentro da sala de aula, mas também preparamos nossos alunos para uma compreensão mais profunda e crítica das dinâmicas sociais que os rodeiam.

4 CONCLUSÃO

Esta pesquisa buscou investigar as noções de masculinidades na disciplina de Arte no Ensino Médio integrado aos cursos técnicos do Instituto Federal de Minas Gerais – Campus Betim, através de um projeto fotográfico com meninos cisgêneros. A análise das dinâmicas observadas em sala de aula evidenciou a urgência de abordar questões de gênero e masculinidade em um contexto educacional predominantemente masculino, onde estereótipos e expectativas sociais moldam as identidades dos jovens.

A metodologia adotada, que permitiu a divisão dos grupos por gênero, proporcionou um espaço seguro para que os alunos pudessem refletir e discutir abertamente sobre o que significa ser homem. O projeto artístico resultante incentivou os estudantes a confrontarem suas próprias identidades e a questionarem normas sociais que frequentemente perpetuam a violência e a misoginia. Os resultados demonstram que, ao empoderar esses jovens a expressar suas percepções por meio da fotografia, foi possível criar uma oportunidade para a construção de uma masculinidade mais reflexiva e crítica.

Como desdobramento do projeto artístico, as obras não foram expostas, pois, devido à greve de mais de sessenta dias em 2024, o calendário acadêmico precisou ser reestruturado, impossibilitando a realização da fase final, que seria a exibição dos trabalhos. No entanto, pretendo iniciar o ano letivo de 2025 com a realização da exposição, para dar continuidade à discussão com os novos estudantes.

As séries fotográficas produzidas pelos estudantes revelam complexidades acerca da masculinidade contemporânea. A primeira série apresentada explora a dualidade da experiência masculina através de autorretratos que destacam a luta interna entre a conformidade às normas sociais e a busca pela autenticidade emocional. Imagens evocativas, como a árvore, simbolizam a necessidade de crescimento e vulnerabilidade, abordando a dialética da visibilidade entre exposição e proteção.

Por outro lado, a segunda série traz à tona as questões raciais e a pressão que os homens negros enfrentam para se conformar a estereótipos opressivos. Suas obras expressam a luta pela afirmação da identidade em um contexto marcado pela invisibilização das experiências negras. Ao tratar da inteligência emocional e da resistência à opressão, desafiam a ideia de que a masculinidade deve ser sinônimo de dureza e desumanização.

Ambas as séries não apenas refletem as experiências individuais de seus autores/artistas, mas também dialogam com questões sociais mais amplas, como a construção de identidades masculinas em contextos de opressão e a busca por espaços seguros para a expressão emocional.

Este trabalho artístico ressalta a importância de desconstruir estereótipos de gênero e raça, promovendo um entendimento mais inclusivo sobre o que significa ser homem na sociedade contemporânea.

O ensino de Arte/Artes Visuais, portanto, pode desempenhar um papel vital na desconstrução de estereótipos prejudiciais e na promoção de diálogos significativos sobre gênero, identidade e poder. É essencial que futuras práticas pedagógicas continuem a explorar essas temáticas, garantindo que os meninos cisgêneros possam não apenas entender, mas também transformar as realidades sociais que os cercam. Essa abordagem é fundamental para formar cidadãos críticos e conscientes, contribuindo para um ambiente escolar mais acolhedor e inclusivo e para a construção de uma sociedade mais justa e equilibrada. A pergunta “O que significa ser homem?” permanece relevante e enfrentá-la em sala de aula é um passo fundamental rumo a uma educação que respeite e celebre a diversidade das identidades de gênero.

REFERÊNCIAS

BOLA, JJ. **Seja homem**: a masculinidade desmascarada. Porto Alegre: Dublinense, 2020.

BUTLER, Judith. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. **Chão da Feira**, Caderno n. 78, p. 1-16, 2018. Disponível em: http://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2018/06/caderno_de_leituras_n.78-final.pdf. Acesso em: 10 dez. 2024.

CARA, Daniel *et al.* O extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil: ataques às escolas e alternativas para a ação governamental. **Campanha Nacional pelo Direito à Educação**, 2022. Disponível em: <https://campanha.org.br/acervo/relatorio-ao-governo-de-transicao-o-ultraconservado-rismo-e-extremismo-de-direita-entre-adolescentes-e-jovens-no-brasil-ataques-as-ins-tituicoes-de-ensino-e-alternativas-para-a-acao-governamental/>. Acesso em 10 maio. 2024.

CHILAND, Colette. A construção da identidade de gênero na adolescência. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.46, n.4, p.175-183, 2024.

CRUVINEL, Tiago; SILVEIRA, Túlio Fernandes. Um ensino ilustrativo de teatro: raça, gênero, sexualidade e classe social em livros didáticos. **Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 2, n. 47, p. 1–29, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/23583>. Acesso em: 10 maio. 2024.

DIAS, Taís Ritter; LOPONTE, Luciana Gruppelli. Gênero e ensino de Artes Visuais: desafios, armadilhas e resistências. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 3, p. e56280, 2019.

JINPA, Thupten. **Um coração sem medo**: Por que a compaixão é o segredo mais bem guardado da felicidade. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2016.

LANGEANI, Bruno. **Raio-X de 20 anos de ataques a escolas no Brasil 2002-2023**. [Online]: Instituto Sou da Paz, 2023. Disponível no site: <https://soudapaz.org/wp-content/uploads/2023/05/Raio-x-ataque-a-escolas.pdf>. Acesso 10 maio. 2024.

LECHETA, Andrio Robert. **“Teatro é coisa de viado!”: pedagogias da masculinidade no teatro amador em perspectiva dialógica**. Curitiba, 2023. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

LIZARDO, Leonardo; HENKLEIN, Etienne; GIRATA, Paulo Yutaka Toyoshima. O uso da fotografia nas aulas de Artes Visuais no Ensino Médio. **Caderno Intersaberes**, Curitiba, v. 11, n. 31, p. 50-62, 2022.

VASCONCELOS, Ingrid. **As vezes eu esqueço que o papo entre eles é diferente do meu**. 06 set. 2024. Instagram: (@ingridvasconcelos1). Disponível em:

https://www.instagram.com/ingridvasconcelos1/reel/C_mHdNXxczl/. Acesso em: 11 dez. 2024.